

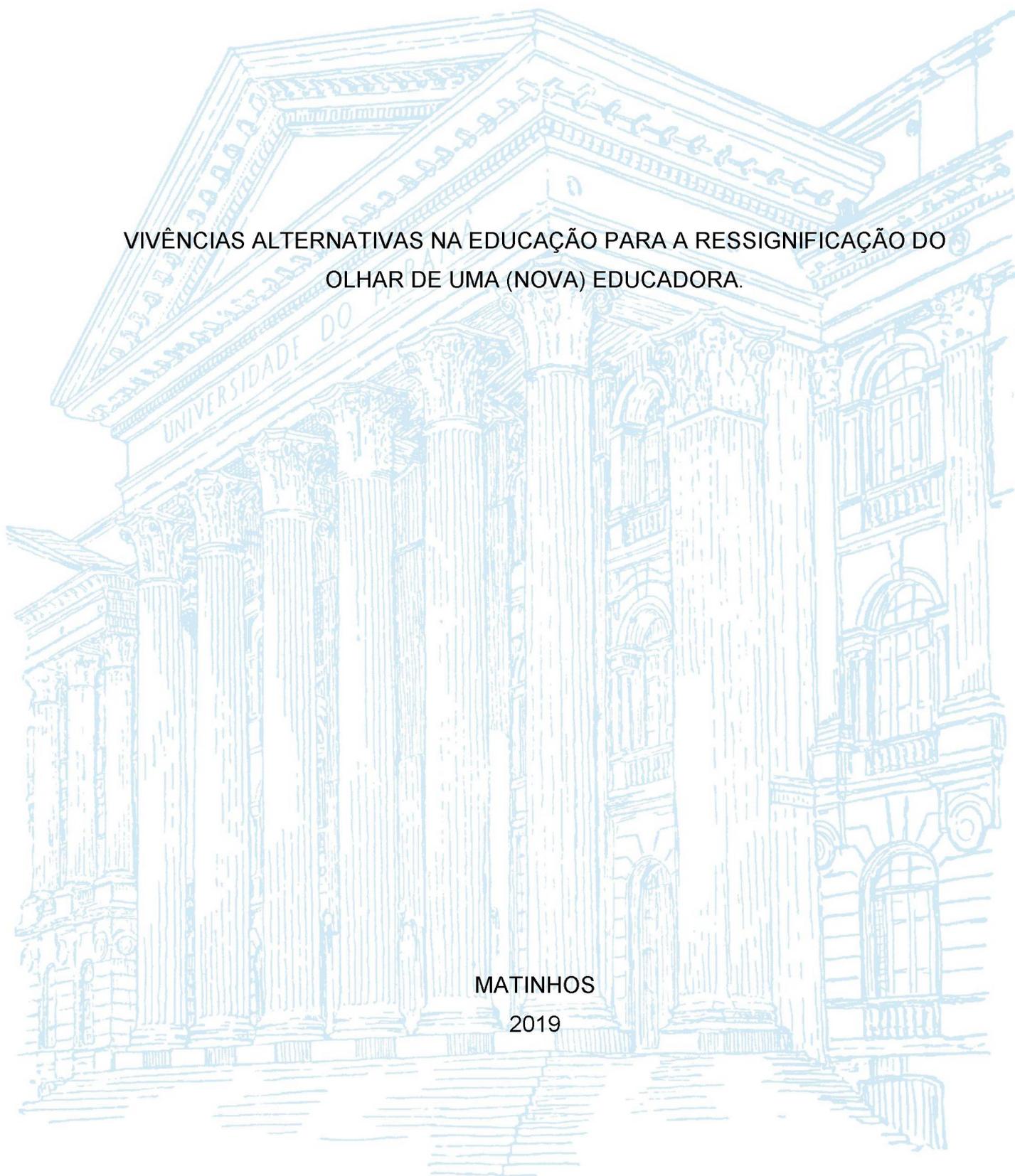
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SIMONE CORDEIRO

VIVÊNCIAS ALTERNATIVAS NA EDUCAÇÃO PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DO
OLHAR DE UMA (NOVA) EDUCADORA.

MATINHOS

2019



SIMONE CORDEIRO

VIVÊNCIAS ALTERNATIVAS NA EDUCAÇÃO PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DO
OLHAR DE UMA (NOVA) EDUCADORA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Dr. Valdo José Cavallet
Co-orientadora: Dra. Francéli Brizolla

MATINHOS

2019



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Curso de Especialização em Alternativas para
uma Nova Educação

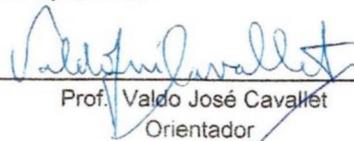


TERMO DE APROVAÇÃO

SIMONE CORDEIRO

VIVÊNCIAS ALTERNATIVAS NA EDUCAÇÃO PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DO
OLHAR DE UMA (NOVA) EDUCADORA

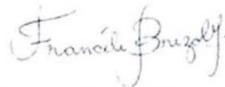
Memorial monográfico apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.



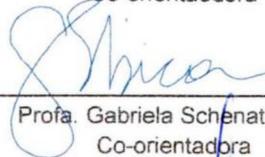
Prof. Valdo José Cavallet
Orientador



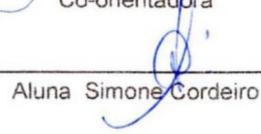
Profa. Samyra De Lourdes Sthefan



Profa Francéli Brizolla
Co-orientadora



Profa. Gabriela Schenato Bica
Co-orientadora



Aluna Simone Cordeiro

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

UFPR
Setor Litoral
Matinhos

Dedico esta trajetória em ANE, ao meu pai, Ivanir Cordeiro, falecido em Julho de 2019, meu exemplo de vida e de ser humano. A Deus por ter me emprestado por 41 anos este pai maravilhoso que escolheu o meu nome e iniciou minha formação humana. E a todas as educadoras que mesmo contra a maré não desistem de lutar por uma educação mais humana, libertadora, dialógica e formadora de cidadãos livres.

AGRADECIMENTOS

A Mediadora Naila Maila por me apresentar a CONANE Caiçara em 2018.

A minha amiga e comadre Luciana Ferreira Santos e meu companheiro Ademir Dubuc, os quais se revezaram para cuidar da minha pequena Sofia durante as vivências e viagens INTERplanetárias com os Aneanos.

Aos meus companheiros de trabalho e alunos do Programa Saberes.

A todos os demais integrantes da rede Municipal de Ensino e Educadores ANE que contribuíram e participaram da apresentação “Um mundo bem melhor”.

A Aneana Samyra, fotógrafa oficial que eternizou todos os momentos vividos e sem a qual não teria boa parte dos registros fotográficos exibidos aqui.

A minha amiga de alma, coração e aventuras, Vandra Ferréti e todos os demais amigos aneanos que formam esta rede incrível de amor e esperança.

E a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que esta inesquecível experiência fosse possível. Meu muito obrigada a todos!

“Mas para essa aventura meus mapas não lhe bastam. Todos os diplomas são inúteis. E inútil todo saber aprendido. Você terá de navegar dispondo de uma coisa apenas: os seus sonhos.

Os sonhos são os mapas dos navegantes que procuram novos mundos. Na busca dos seus sonhos você terá de construir um novo saber, que eu mesmo não sei...E os seus pensamentos terão de ser outros, diferentes daqueles que você agora tem.

O seu saber é um pássaro engaiolado, que pula de poleiro em poleiro, e que você leva para onde quer. Mas dos sonhos saem pássaros selvagens, que nenhuma educação pode domesticar.” RUBEM ALVES

RESUMO

O presente memorial expõe as ações significativas vivenciadas durante a caminhada coletiva na Especialização em Alternativas para uma Nova Educação da qual resulta o Projeto: Vivências Alternativas na Educação para a ressignificação do olhar de uma (nova) educadora. As vivências foram realizadas em comunidades de aprendizagens experienciadas em Palhoça - SC, Heliópolis Bairro Educador em São Paulo SP, IV Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação/CONANE Brasília DF e Escola Indígena Pindoty na Ilha da Cotinga Baía de Paranaguá - PR, durante o período de Dezembro do ano de 2018 a Novembro de 2019. A decisão de ingressar em ANE, surgiu da necessidade de um novo olhar que mediasse a construção do desafio a frente da experiência de algo transformador que contribuísse com a ressignificação da comunidade escolar para a qual havia entrado recentemente, disposição aguçada após assistir a Conferência Regional CONANE Caiçara, ocorrida na Sede da UFPr Litoral no ano de 2018. As crescentes manifestações que precisamos parar de perpetuar uma educação que não atende mais as angústias e desejos dos nossos educandos, exigem esforço de rompermos paradigmas que nos constituem fortemente e abriremos novas possibilidades de “espaços vazios”, sem os quais não há possibilidade de mudança. Para este rompimento e construção de um novo caminho não há fórmula, receita, método ou manual a ser seguido solitariamente, demanda de esforço coletivo entre eu e o outro no mesmo espaço de trocas onde ninguém precisa se anular para que o outro tenha ascensão. Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade são os pilares condutores de todas as ações de pensar, sentir e agir dentro dos princípios de Interculturalidade, Interexperencialidade, Interdisciplinaridade, Intergeracionalidade, Interinstitucionalidade e Interterritorialidade. Este memorial visa compartilhar o experiencial, como mediador do fazer docente, componente necessário para formação humana e profissional do educador. Verifica-se na idealização dos espaços educadores vivenciados, a resiliência das comunidades como protagonistas de todo processo transformador.

Palavras-chave: Vivência. Transformação. Ressignificação. Educação.

ABSTRACT

The present memorial exposes the significant actions experienced during the collective walk in the Specialization in Alternatives for a New Education, which results in the Project: Alternative Experiences in Education to reframe the look of a (new) educator. The experiences were carried out in learning communities experienced in Palhoça SC, Heliópolis Bairro Educador in São Paulo SP, IV National Conference on Alternatives for a New Education / CONANE Brasília DF and Pindoty Indigenous School on the Island of Cotinga Baía de Paranaguá - Paraná, during the period from December 2018 to November 2019. The decision to join ANE arised from the need for a new look that would mediate the construction of the challenge ahead the experience of something transformative that would contribute to the resignification of the school community to which it had recently entered, keen disposition after attending the Regional Conference CONANE Caiçara, which took place at the UFPr Litoral in 2018. The growing manifestations that we need to stop perpetuating an education that no longer meets the anxieties and desires of our students, require an effort to break paradigms that constitute us strongly and open new possibilities “empty spaces”, without which there is no possibility of change. For this break and construction of a new path there is no formula, recipe, method or manual to be followed alone, a demand for collective effort between me and the other in the same space of exchanges where no one needs to cancel each other for the other to rise. Autonomy, Responsibility and Solidarity are the guiding pillars of all actions of thinking, feeling and acting within the principles of Interculturality, Interexperience, Interdisciplinarity, Intergenerationality, Interinstitutionality and Interterritoriality. This memorial aims to share the experiential, as a mediator of teaching, a necessary component for the educator's human and professional formation. In the idealization of the educated spaces experienced, there is the resilience of the communities as protagonists of the whole transformational process.

Keywords: Experience. Transformation. Resignification. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
2 MEMÓRIA DE VIDA	05
3 MINHA JORNADA EM ANE:	10
3.1. DesistirXPersistir.....	10
3.2 Encontros ANE.....	11
3.2.1 O desconhecido.....	11
3.2.2 Princípios norteadores.....	12
3.2.3 Mudar para transformar.....	13
3.2.4 Uma nova história.....	14
3.2.5 A Rede.....	15
3.2.6 Diversidade e inclusão.....	16
3.2.7 Sensibilizar para transformar.....	16
4 VIVÊNCIAS ANE: O DESPERTAR	18
4.1 Palhoça, Pinheira e Guarda do Embaú SC.....	18
4.2 Bairro Heliópolis – O bairro educador São Paulo SP.....	22
4.3 CONANE Nacional Brasília DF.....	28
4.4 Escola Indígena Pindoty Ilha da Cotinga Paranaguá Pr.....	34
4.5 Oficina “do Mato ao Prato” Recanto Roda Viva Rodovia Alexandra Matinhos Pr...39	
4.6 Intercâmbio Escola Municipal Governador Moisés José Lupion Guaratuba Pr e Programa Saberes Matinhos Pr.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A atual conjuntura educacional carece sobre um reinventar desta presente escola. Uma escola com qualidade mas que respeite acima de tudo a diversidade e a individualidade de cada ser humano, visto que estes, além de serem os protagonistas de seus interesses e ações, clamam por esta educação que os ajude a terem a capacidade de aprender com seus próprios méritos e ritmo.

As políticas e pesquisas evidenciam o fracasso desta educação fragmentada que o sistema insiste em continuar a reproduzir. A necessidade é de mudança, transformação e reinvenção. Para Alves (2012): “É preciso esquecer o aprendido que nos fez adultos para se ver o mundo com novos olhos” (ALVES,2012).

Para muitos profissionais, é difícil incluir a possibilidade de uma educação contra hegemônica, para a diversidade, visto que o modelo conservador extremamente forte e vigente nas escolas, os intimida a mudar suas práticas e conseqüentemente em buscar a considerar as diferenças, reconhecendo assim a riqueza que elas apontam no desenvolvimento dos procedimentos educativos, dentro e fora das escolas. Então como nos prepararmos para enfrentarmos aqueles que foram “moldados” no tradicional? Como elaborar uma resposta nova para aquilo que eu ainda não sei e superar o sistema tradicional de ensinar e aprender?

O Município de Matinhos, assim como outros municípios e cidades por este Brasil afora, discutem com suas Secretarias de Educação a cada início de ano letivo sobre as melhorias do ensino que ofertam. Demonstram o desejo de uma escola de qualidade, democrática, inclusiva, onde todos tenham sucesso e o resultado do trabalho seja favorável para atender aos altos índices governamentais esperados. No entanto, percebe-se que esta atenção com o que se oferta e o que se almeja, volta-se prioritariamente para investimentos em palestras motivacionais, cursos de capacitações, além de instrumentos modernos, sobretudo tecnológicos cujas intenções pedagógicas acredita-se que irão favorecer em curto prazo, o saneamento das “falhas educacionais” que até o momento impedem a apropriação do domínio intelectual e do desenvolvimento global dos educandos.

Nós professores, temos em nossa formação, a forte tendência em reproduzirmos aquilo que por muito tempo teve êxito em nossa trajetória, e não foi

diferente comigo, acreditava até então, que participar sempre de cursos de capacitações, “fazer diferente”, “inovar”, ser criativa com os materiais pedagógicos, convidar a comunidade para assinar boletins e assistir os filhos nas apresentações em datas comemorativas, eram por si só atuações curadoras que ajudariam diminuir e aos poucos resolver o problema da não participação dos pais e a postura dos educandos “que não apresentavam resultados” a se encaixarem e participarem das aulas.

As vivências através das INTERes educativas experienciadas nesta caminhada em ANE, direcionaram-me a uma outra perspectiva de ação. O caminho, a caminhada, me revelaram que somente somando mudaremos alguma coisa. Nesta perspectiva, a transformação que busca tornar a escola um espaço para a constituição de pessoas não só letradas, mas cidadãos completos e felizes, capazes de elaborar e realizarem seus próprios projetos de vida sendo mobilizadores de direitos e deveres, não acontecerá somente com a capacitação técnica e profissional dos educadores e demais integrante do processo. Freire (1986) afirma que: “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem.” (FREIRE, 1986, p.27.)

Segundo o autor, nos constituímos num processo contínuo de humanização, a educação constitui-se no espaço em que o trato com a formação deve ganhar o seu lugar de direito, pois manifesta atributos efetivamente apropriados para tornar possível tal realização. Para ele, “a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes” (1997, p. 162). Para Paulo Freire, não existe a educação, mas educações, ou seja, diferentes formas de partirmos do que somos para o que queremos ser. Essencialmente, estas várias “educações” resumem-se a duas, denominadas por ele de: “bancária”, que nos torna pessoas menos humanas, pois alienadas, dominadas e oprimidas; e a outra, libertadora, que faz com que deixemos de ser o que somos, para sermos mais conscientes, mais livres e mais humanos.

Neste sentido, a autonomia do educando na elaboração e realização das suas próprias concepções precisa ser abraçada junto a participação nas decisões com a comunidade escolar, de forma aberta, democrática, pois esta constituição precisa ser

coletiva e não individual. É preciso vivenciar: Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade coletivamente.

A relação da escola com os demais atores que somam esta educação precisa ser de parceria e complementaridade e as tecnologias de informação e comunicação, aproveitadas como instrumentos colaboradores para a concretização das aspirações. A comunidade precisa ser referência da escola de forma integral e não segregadora. É necessário ser dirigida por toda a comunidade escolar que encontrará caminhos correspondentes e capazes de cumprir seu papel neste mundo. Para Morin (2013):

“A divisão das disciplinas nos torna incapazes de aprender a complexidade, da palavra *complexus*, “o que é tecido junto”. O desafio da globalidade é o desafio da complexidade. Na história planetária, as interações e retroações entre os processos econômicos políticos, religiosos, demográficos, científicos, técnicos, já incontáveis, estão constantemente aumentando. Ora, uma das tragédias do pensamento atual é que nossas universidades e escolas superiores produzem eminentes especialistas cujo pensamento é muito compartimentado. O economista enxerga apenas a dimensão econômica das coisas, assim como o religioso e o demógrafo, nas suas respectivas áreas, e todos encontram dificuldade para entender as relações entre duas dimensões. A inteligência que sabe apenas separar quebra a complexidade do mundo em fragmentos isolados, diminuindo as chances de compreensão e reflexão. Assim, quanto mais os problemas se tornam planetários, mais se tornam impensados; quanto mais avança a crise, mais avança a incapacidade para pensá-la.” (MORIN,2013, p.12-13)

Através das “Inter” Culturalidade¹, Disciplinariedade², Territorialidade³, Geracionalidade⁴, Institucionalidade⁵ e Interexperencialidade, este memorial tem o objetivo de compartilhar o provocado, o sentido e o experienciado durante minha vivência em ANE. ⁶Uma caminhada vivida coletivamente que desperta, transforma e ressignifica o olhar do educador.

¹Interculturalidade é um conceito polêmico. E, segundo alguns estudiosos do tema, ganha contornos diferentes quando aparece como reivindicação dos movimentos sociais e como política de Estado. A educação intercultural, no contexto das lutas sociais contra os processos crescentes de exclusão social inerentes à globalização econômica, propõe o desenvolvimento de estratégias que promovam a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças, ao mesmo tempo em que sustentem a inter-relação.

² Interdisciplinariedade é um adjetivo que qualifica o que é comum a duas ou mais disciplinas ou outros ramos do conhecimento. É o processo de ligação entre as disciplinas. Pode ser traduzida em tentativa do homem conhecer as interações entre mundo natural e a sociedade, criação humana e natureza, e em formas e maneiras de captura da totalidade social, incluindo a relação indivíduo/sociedade e a relação entre indivíduos. Consiste, portanto, em processos de interação entre conhecimento racional e conhecimento sensível, e de integração entre saberes tão diferentes, e, ao mesmo tempo, indissociáveis na produção de sentido da vida. <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/int.html>

³ Interterritorialidade- O território é usualmente definido como uma área do espaço delimitada por fronteiras a partir de uma relação de posse ou propriedade, seja essa animal ou humana. Essa última apresenta versões políticas, culturais, econômicas, regionais, entre outras. Para a educação interterritorial é a possibilidade de transitar em novos espaços e desta forma apropriar-se de forma significativa de novos saberes.

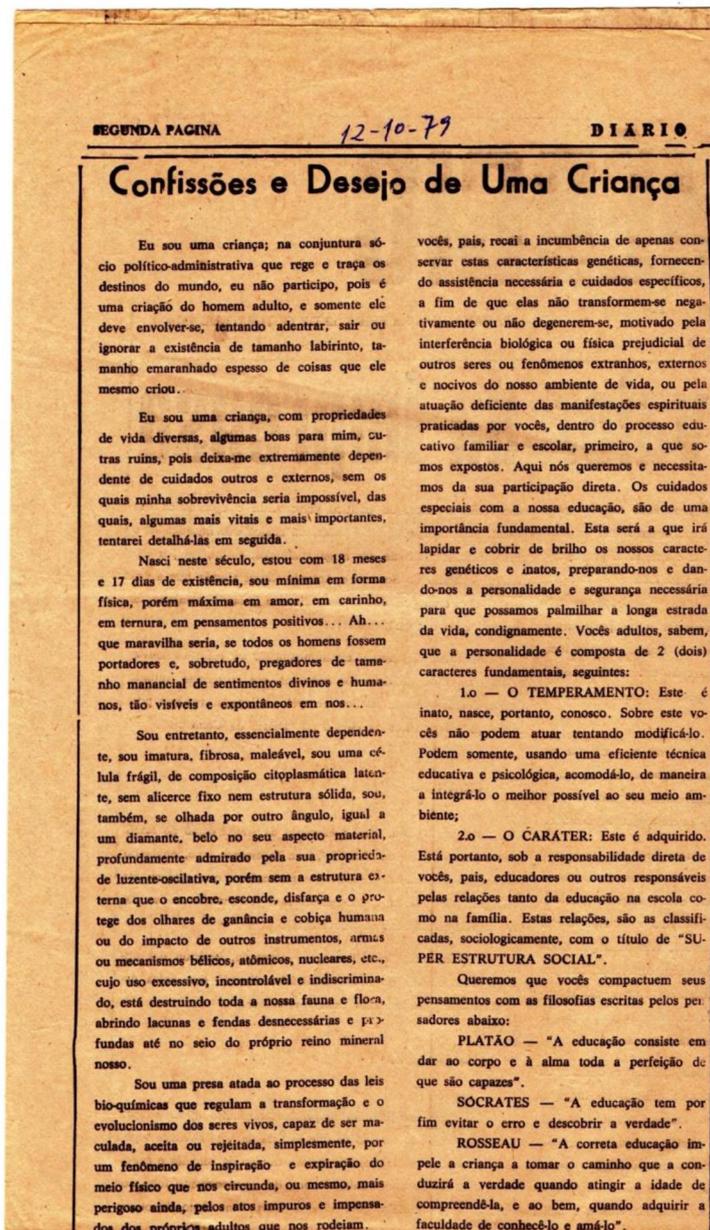
1. ⁴ Intergeracionalidade- Que se realiza entre duas ou mais gerações; relacionado com o que se estabelece entre duas ou mais gerações. www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/interculturalidade De um modo geral, o conceito de geração destaca o papel da experiência na formação da subjetividade. A geração reúne pessoas que, nascidas numa mesma época, viveram os mesmos acontecimentos históricos e partilham de uma mesma experiência histórica. Essa experiência comum dá origem a uma consciência que permanece presente ao longo do curso de suas vidas, influenciando a forma como os indivíduos percebem e experimentam novos acontecimentos. As diferenças intergeracionais são inerentes à estrutura social, uma vez que os indivíduos, posicionados nas suas respectivas gerações, estariam mais ou menos predestinados a verem o mundo de uma forma própria e distinta daqueles que pertencem a outras gerações. Assim, existiria uma distância insuperável entre as pessoas de diferentes gerações, a qual legitimaria as diferenças intergeracionais. <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n2/v16n2a08.pdf>

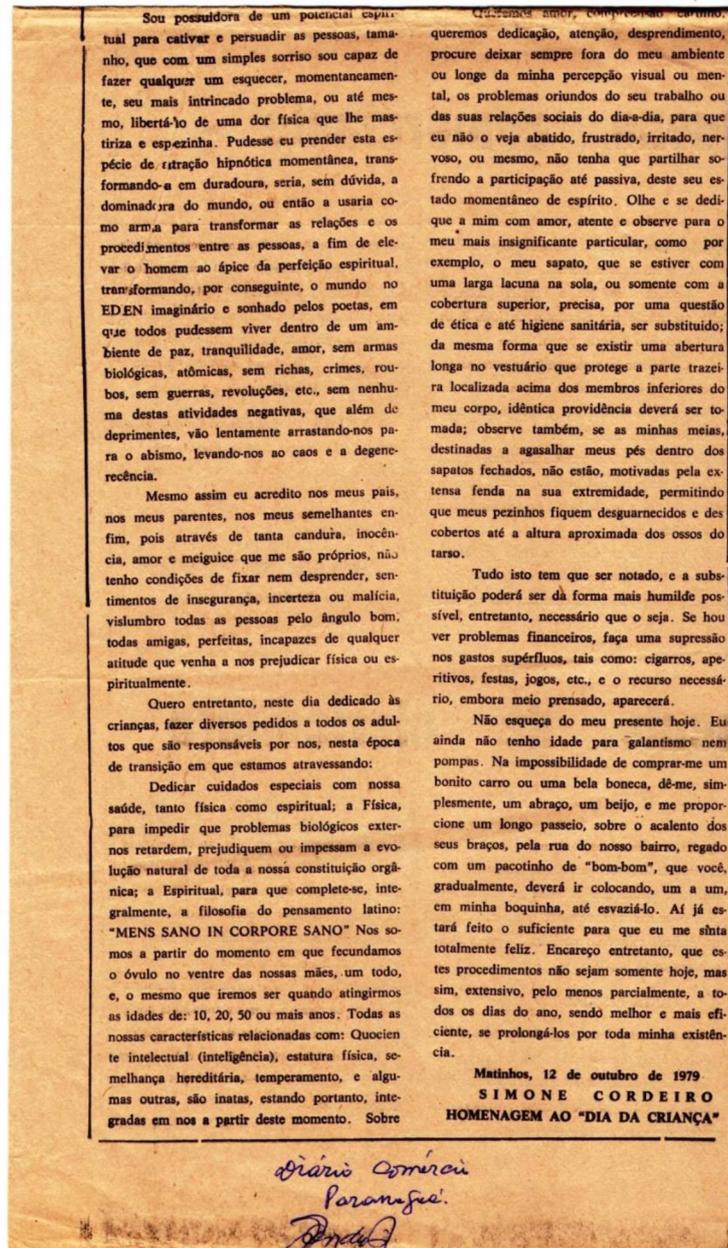
⁵ INTERINSTITUCIONAL termo é um conceito complexo que TEM sua origem na ideia de instituição como uma criação exclusiva da vida em sociedade. Entende-se por instituição a uma estrutura complexa de funcionamento que pode ser incorporada a um edifício particular (como uma escola, empresa) assim como em um grupo de pessoas (como uma família) ou em um vínculo social (como o casamento). As instituições são criações históricas do ser humano que tem como objetivo principal o estabelecimento da ordem social e de certas normas de convivência que tendem a organizar os vínculos desenvolvidos entre os indivíduos. Assim, as redes interinstitucionais são aquelas que se formam da união e da junção de várias instituições entre si com um objetivo similar. ... Artigo <http://queconceito.com.br/redes-interinstitucionais>.

⁶ ANE – Alternativas para Nova Educação Especialização UFPR – LITORAL

2 MEMÓRIA DE VIDA

Início meus registros de memória de vida com este texto digitalizado “Confissões e desejos de uma criança” que encontrei nos arquivos do meu pai algumas semanas depois de seu falecimento. Ele escreveu sobre mim em homenagem ao dia das crianças e publicou no Diário do Comércio de Paranaguá em 12-10-1979. Minha mãe já havia falado em algum momento da minha vida sobre a existência dele, porém só o encontrei agora, dando-me ainda mais certeza do amor dele por mim e do pai admirável que eu tive e que todas as crianças deste mundo deveriam ter.





Fiquei muitas horas e dias tentando iniciar o relato da minha vida e todas as vezes, embora passados já alguns meses da morte dele não consigo deixar de me emocionar, por isso resolvi começar com o texto que ele escreveu e publicou pra mim quando nasci, pois foi ali que minha caminhada iniciou, sendo constituída pelo amor de um pai a filha esperada.

SIMONE, nome escolhido ele, após acordo com minha mãe, de que se fosse menina ele escolheria e se menino ela o faria. É um nome francês que surge como feminino de Simon, o mesmo que Simão em português o qual tem origem no hebraico

Shimon, que deriva da palavra shamá, que quer dizer “ela ouviu” ou, por extensão, “ouvinte”, “obediente”. Engraçado que me representa perfeitamente e me pergunto porque nunca tive a curiosidade de saber? Mais curioso ainda é quando penso que nenhum professor durante a minha vida escolar nunca me instigou ou quis saber da minha história. Não devia ter iniciado por ela? Após 40 anos, a ANE me proporciona esta vivência. Me vem a memória neste momento o Educador Tião Rocha, ao relatar sobre seu primeiro dia na escola, quando a professora ao ler uma história sobre rainha, ele se manifestou querendo contar que sua vó foi rainha do cangaço e a professora o cortou na mesma hora. Uma entre as várias existentes, que continuam acontecendo ainda em muitas instituições escolares e “matando” a cada dia a possibilidade de a escola ser um lugar onde os sonhos começam e que os alunos sejam “passarinhos livres, felizes e curiosos”.

Nasci às 00:15 min do dia 15 de Março de 1978 no Hospital e Maternidade de Morretes Paraná, fui registrada com esta data, fato percebido por meu pai tardiamente, que dizia estar errado e que a data correta deveria ser o dia seguinte. Sou a filha mais velha de três filhos (Rafael e Rodrigo Cordeiro). Tive uma infância maravilhosa com tudo que uma criança precisa. Tínhamos mais a presença da minha mãe, que nunca trabalhou fora, meu pai inicialmente com dois empregos, professor a noite e Contador de dia na Prefeitura de Matinhos até comprar seu próprio escritório de Contabilidade onde abandonou a escola e continuou com os outros dois. Aos 05 anos iniciei a Educação Infantil, na época Jardim de Infância em Instituição privada de Freiras, que havia em Matinhos, após dois anos, devido aos altos custos da escola particular, ingressei na Rede Municipal e em seguida Estadual onde permaneci até a conclusão do Ensino Superior na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá (FAFIPAR hoje UNESPAR).

Sou sobrevivente de uma educação tradicional “formada” nos moldes de obediência, respeito, silêncio, concentração e exemplo. Aos dezenove anos, prestes a realizar um intercâmbio no exterior, engravidei e tive a minha primogênita Rafaella, hoje com 22 anos trabalhando e cursando inglês no exterior, meu orgulho! E numa tentativa de concertar “um erro” para não decepcionar meu pai, cometi “outro erro”: casei escondido. Após o nascimento da minha primeira filha, mesmo contra vontade, mas para satisfazer meu pai, prestei concurso e entrei para o quadro do Magistério Municipal. Onde para minha surpresa, acabei me apaixonando pela profissão e como de praxe, nossa tendência é perpetuar aquilo que acreditamos ser o correto, aquilo

que nos constituiu até o momento se nada nos incomodar do contrário. E assim o foram durante 10 anos em Educação Infantil até a chegada do primeiro desafio: direção de um Cmei e Escola Municipal em seguida.

Aqui inicia minha primeira entrada a UFPr Litoral. Diante do novo desafio, do desconhecido, surge a necessidade de atualização para atender a nova demanda: Comunidade escolar e suas mazelas sociais. Inscrevo-me então a 1ª Turma para Especialização em “O Serviço Social e a Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar”. Período importante e significativo na formação do ser humano e da profissional que estava se compondo.

Com quase 10 anos à frente da Escola Municipal Oito de Maio, sou surpreendida em Maio de 2018 com um pedido de remoção de local de trabalho e assumo a Direção do Programa Saberes, contraturno Escolar Municipal que atendia na antiga sede da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado do Paraná (FETIEP).

Começa então outro desafio: nova comunidade escolar, formas de trabalho, enfim, começar do zero. No mesmo período, estava frequentando o Curso de extensão “Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão II”, o qual cursava desde Outubro de 2017, em uma das aulas no mês de Julho de 2018, a gestora do curso, Naila, nos leva pra conhecer a CONANE Caiçara que estava acontecendo na UFPr Litoral. Durante a visita, assisti as apresentações dos projetos realizados pelos até então desconhecidos “Aneanos” e me identifiquei com alguns, aquilo que estava me angustiando havia sido também a aflição dos relatores ali presentes. No retorno a aula, para o feedback sobre o que assistimos, ela nos informou sobre a inscrição para a Especialização ANE, combinamos então de todas nos inscrevermos no entanto isto não ocorreu. Confesso que tive receio para realizar a inscrição, primeiro porque acreditava não ser selecionada mais uma vez. Faltando apenas um dia para encerrarem as inscrições encontro com minha cunhada, na saída da recreação onde deixamos nossos pequenos, sabendo já da minha remoção pergunta como estão as coisas e desabafo com ela: “Estou com muita dificuldade, preciso de mudanças, não sei como fazer, preciso de um novo olhar, de algo que me ajude a recomeçar, estou pensando em me inscrever nesta especialização ANE você conhece?”. Ela então abriu um sorriso e me disse: “Você vai fazer ANE? Que legal! Ela vai provocar mudanças em você...” Eu respondi: “Não né? Já tô um pouco velha pra mudar, isso é coisa para os mais novos...”. Ela continuou: “Vai sim! Você vai

ver!...”. Eu disse então: “Não sei se vão me aceitar, já fiz uma Especialização lá, acho que não tenho perfil para esta, será que vão me aceitar de volta?”. Ela respondeu sorrindo novamente: “Eles aceitam todas as pessoas!”. Então, no último dia e na última hora, já bem tarde da noite, decidi me inscrever. Início minha segunda especialização após dez anos.

3 MINHA JORNADA EM ANE

3.1 Desistir X Persistir

Aula Inaugural: primeira prova para desistir! Não tinha com quem deixar minha pequena, primeira vez longe dela em um Sábado, marido viajando, vó não atendia e o edital informava que diante da ausência o candidato estava automaticamente eliminado. Que desespero! Só chorava! Corri na casa da comadre, a única que encontrei em casa e voei para não chegar atrasada no primeiro dia. Graças a Deus tudo certo e na aula mais uma surpresa: poderia ter a levado comigo que não havia problema. Nossa! Sonho de qualquer mãe!

Seguem as aulas mensais, conseguimos nos organizar em casa para eu poder ir tranquila?? Quem disse? Todo sábado era uma verdadeira tortura de muito choro pra deixar a “mamãe Simone” sair. Tinha também meu pai morando comigo, que precisava ser cuidado e monitorado e eu me sentia errada por deixá-los, cheguei a ouvir comentários do tipo: “Você não precisa disso! Pare um pouco! Eles precisam de você agora! Nossa! não foi fácil!!!! Mas com o tempo, as coisas foram se ajustando.

Em Junho de 2018, no retorno da inesquecível CONANE em Brasília, vivência extraordinária a qual tive o privilégio de participar, sou pega de surpresa com o acidente do meu pai, que sofre uma queda na esquina de casa um dia depois de passarmos uma manhã todinha conversando sobre a viagem, não me recordo de depois de adulta ter ficado tanto tempo “proseando” com ele. Foi internado com Traumatismo craniano em três lugares seguido de Acidente Vascular Cerebral. Quadro que me “derruba” e me faz desistir.

Em uma das visitas do meu irmão caçula a UTI, digo a ele que “vou desistir da Especialização e do Programa Saberes pois me sinto culpada por ter ido viajar e por ter ficado os últimos 05 dias de vida dele em Brasília, não precisava ter ido, eu teria outras oportunidades pra ir, eu devia ter ficado com ele naquele feriadão”. Ele então me responde: “Pelo contrário! É agora que você tem que continuar e fazer tudo isso valer a pena! Se você encontrou o que acredita agora que tem que lutar pra pôr em prática, ele jamais permitiria que você desistisse! Você sabe!”. Fiquei alguns dias ainda sem saber o que fazer e sem a menor vontade pra nada, até que em uma tarde resolvi sair um pouco do hospital. Solicitei um serviço Uber e fui até uma livraria a procura do livro mencionado na Conferência do Professor Celso Vasconcelos em

Brasília: “A alegria de ensinar” de Rubem Alves, leitura que trouxe novamente o entusiasmo para lutar pelo que me faz feliz. “Pois quem deseja se aposentar daquilo que lhe traz alegria? Da alegria não se aposenta... (Rubem Alves, 2012 p.10).

Meu pai foi Professor, Contador e meu primeiro Mestre. Após 21 dias na UTI do Hospital Vita em Curitiba, às 21:00 horas do dia 13 de Julho de 2018, ele descansou. Mas seus ensinamentos, sua coragem e seu exemplo de vida permanecem vivos em mim. Termino este relato com Alves (2012,p.7):

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”
(ALVES, 2012, p.7)

3.2 Encontros ANE

3.2.1 O desconhecido

O desconhecido sempre é assustador, porém o “medo”, a curiosidade e o desafio é o que me move, assim inicia meu primeiro contato com a ANE. Inicialmente no impulso de desistir diante da primeira dificuldade em sair e deixar minha bebê de 02 anos e 11 meses em seguida o pensamento de culpa mas ainda mais forte o desejo e a necessidade de ir atrás do que fui buscar: um novo olhar! Uma nova direção em busca do sonho da educação que acredito ser possível.

Aula inaugural e estréia do velho e porém sempre novo: “frio na barriga”. Ao chegar no espaço, somos recebidos por uma roda imensa formada por nós, os novos alunos e outra por exs alunos, onde todos se apresentam com uma fala sobre quem são e suas expectativas para a Especialização. De início estranhei um pouco a questão da “roda”, pois habitualmente nos cursos e encontros nos sentamos em formato “ônibus”, raramente são feitas rodas, salvo algumas reuniões mas mesmo assim com um número bem reduzido de participantes. Confesso que meu primeiro pensamento foi o de acreditar que seria igual a maioria dos atuais cursos em que já participei, o mediador lá na frente, sem microfone, falando baixinho, conversas paralelas, enfim, cansativo, chato e pra resumir aquele sono. (Só que não!), para

minha surpresa quem inicia as boas vindas e a fala: Valdo Cavallet, o qual conheci pela primeira vez na aula inaugural da Especialização em Questões Sociais. Um ser humano raro e impossível não admirar, claro! Agora já sei porque, porquê “ele é Deus e o Diabo ao mesmo tempo” e não é deste planeta é Enegeciano!! Resultado: não precisou de microfone, não houve conversas paralelas, todos se pronunciaram, não foi cansativo, pelo contrário, conforme as falas iam acontecendo a sensação foi: “Nossa! Não sou um ET! Não estou sozinha neste mundo!

Após o almoço, meio da tarde, habitualmente em outros cursos, hora do intervalo para um café e outra surpresa espantosa: Não tem hora para intervalo! (aff! Como assim? Ninguém sai?). De repente começa a se compartilhar na roda, pacotes de bolachas e outros lanches. Conheço então um dos três princípios ANE: Solidariedade! Na prática! e sem ninguém pedir ou fazer algum pronunciamento. Ocorreu com uma naturalidade que parecia até combinado pra impressionar a gente! Termina o primeiro encontro e no lugar de questões pra ler e resolver em caso como geralmente é solicitado em módulos “normais” de especializações, são nos informados os autores referencias da Especialização como “sugestão” de leitura, sem imposição de datas para realização ou obrigação de leitura. Conheço mais um princípio ANE: Autonomia!

3.2.2 Princípios norteadores

Chega o segundo encontro, reflexão do que é ANE. Ao entrar a sala, no quadro já registradas frases de Paulo Freire:

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”

Iniciando o encontro, a primeira “puxada de orelha” para os três princípios norteadores de todas as ações ANE a serem realizadas: Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade, nos horário de chegada, na obrigação da presença no encontro do primeiro sábado mensal, na retenção da vaga em uma Instituição Pública enfim, na proposta das ações e nas dos colegas. Continuamos a ouvir os demais colegas que não se manifestaram no primeiro encontro e conhecemos as seis Interes condutoras das ações educativas a serem desenvolvidas com a Comunidade: Culturalidade,

disciplinariedade, experiencialidade, geracionalidade, institucionalidade e territorialidade. Ao final do encontro uma única pergunta seguida de resposta fica latente: “Como elaboro uma resposta nova para o que eu ainda não sei através da pluriculturalidade de caminhos e condições que paralelamente humanize e sensibilize para educar?”. Não existe um manual, porém a única certeza abstraída é a de que sozinha não consigo pois “nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos!”. E este caminho, esta resposta, será construída caminhando!

3.2.3 Mudar para transformar

No terceiro encontro dialogamos e refletimos sobre o porquê é necessário mudar para transformar e que esta transformação jamais ocorrerá apenas “melhorando” o que já tenho, ou seja, mudo a “capa, a roupa” mas na prática permaneço perpetuando as mesmas atitudes e transmitindo os mesmos conhecimentos que me “ensinaram” serem os necessários para educar. Segundo Freire, (1999):

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (FREIRE, 1999).

Para Freire, educar é um ato de amor e coragem, sustentado pelo diálogo, pela discussão e pelo debate. O que nos demanda olharmos para os diferentes saberes dos homens e das mulheres, visto que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos. Cabe-nos portanto, compreender que a história é um processo de participação de todos. Se “educar é um ato consciente (FREIRE, 1979), como estou então me constituindo?”.

Nesta perspectiva a consciência me exige uma tomada de decisão, mudanças de atitudes pois não havendo mudança é apenas detenção de informação, é tentar mudar somente “melhorando o que já existe” como analisamos na “Fábula dos porcos assados”, desta forma continuo me utilizando de saberes e ações sem capacidade de transformá-los. A busca do desejo precisa ser maior que as dificuldades encontradas, por isso necessito me empoderar e encontrar alternativas para estudar em meio aos problemas pois a transformação não se espera, ela se faz! Neste sentido, tenho que

contribuir para que as condições de mudanças e transformações se efetivem e portanto me desafiar a mudar, a “buscar valores e princípios que me constituem e idéias que me confirmam credibilidade: “O que eu já sei que merece ser levado?”. Para o cacique dos índios Gamelas (Conferência na Bahia de Porto Seguro) “é preciso descolonizar, pois fomos colonizados e a tendência é manter desta forma!”. Eles lutam para serem reconhecidos e para terem o direito de existir e descolonizando é a única forma de terem autonomia no território. Para Morin (2013):

“A complexidade induz à temporização, suscita hesitação, pode por longo tempo representar um obstáculo para ação, mas não impede de decidir. A incerteza estimula porque convoca a aposta e a estratégia. Não se deve, é verdade, avançar de maneira pulsional e irrefletida, mas é preciso agir.”
(MORIN,2013,p.27.)

3.2.4 Uma nova história

O quarto encontro me trouxe a reflexão de como posso contar uma nova história mudando minhas ações e que planejamentos preciso ir construindo conforme meu caminhar. Conheci através do relato da colega Valquíria, o projeto alternativo Âncora, onde não há paredes e divisões, os alunos estudam em grupos e preparam seus próprios roteiros interdisciplinares de estudo através de temas que eles mesmos escolhem. E este, como todo projeto precisa estar periodicamente fazendo discussões para demarcar as fraquezas percebidas na caminhada e atualizar os pontos que se tornaram novos desafios . Os relatos deste encontro me provocaram a pensar nos espaços educadores a partir do que tenho em minha cidade e que não adianta o desejo em ver o resultado no processo alternativo, ser mais forte que as ações coerentes, por isso não há necessidade de pressa. Resolver e voltar, são processos necessários e lentos e se constroem no coletivo, durante a caminhada e neste caminho o mais importante é instigar a dúvida do que a resposta. Outro foco importante é o cuidado com a incerteza no processo de criticidade, o qual não pode gerar a insegurança pois é necessário dar conta de toda problematização gerada, de toda indagação e sentimentos os quais devem resultar em confiança.

3.2.5 A rede

O primeiro sábado de Dezembro de 2018 marcou o último encontro no Sítio Roda Viva, recanto da família Cavallet onde se recuperam as energias gastas nas batalhas da vida. Um momento extremamente pontual e revigorante provocado com desafios coletivos através de atividades perceptivas, experienciais ao ar livre, construtoras de espaços de relações. Ao findar do encontro nos juntamos na grande roda formada por pequenos pedaços de árvores para sintetização das percepções coletivas vivenciadas. Um dia simples, embora recheado de sentimentos que me mostraram que mesmo diante de um contexto cheio de desafios de ordem política, profissional ou pessoal, o qual aparentemente não percebo probabilidade de mudanças, tenho que concentrar nas forças que possuo: na resistência, nos sentimentos e atitudes que contribuem com as relações e a transformação e nos coletivos e rede que integro. É pensar globalmente e agir localmente: “pensar grande, começar de onde der e ir!”

Figura 1: informativo criado no encontro ANE de dezembro de 2018, a partir das reflexões dos estudantes e mediadores docentes



Fonte: arquivo ANE (2018).

3.2.6 Diversidade e inclusão

O encontro de Abril foi muito significativo não somente pelo provocativo de pensarmos a diversidade e inclusão como elemento de ação para as nossas ações mas pela experiência de termos integrando o grupo daquele sábado o João e o Luíz, autistas filhos da Juliana e Rodrigo Reis, servidores da UFPR Litoral. Uma experiência desafiadora que fez sentir e pensar que é na diversidade que construo minha humanidade, você se coloca no lugar do outro e percebe o qual é essencial encontrar formas de mobilização que sensibilize e quebre barreiras. Compartilhamos da dinâmica de autobiografia, onde cada um falou sobre si e após os relatos trocamos registros com os colegas dos quais nos identificamos.

3.2.7 Sensibilizar para transformar

O décimo primeiro encontro foi providencial na percepção de algumas incertezas e decisões. Nos sentamos em pequenos grupos, mediados por um dos educadores e conversamos sobre as potencialidades e fragilidades dos projetos e ações desejados. Juntando todo o experienciado até o momento através das rodas e vivências, percebi no caminho que a intenção do projeto de “Ressignificação da Comunidade Escolar”, meu ímpeto inicial, o qual acreditava ser o ponto fundamental para a mudança e transformação da minha comunidade escolar não apresentou resultado e não apresentará realizando apenas as “velhas ações” de roupa nova. É como olhar e não saber nada, tudo aquilo que “achava” que sabia, que era certo, que funcionava, não corresponde porque não significa nada! Teve significado talvez em algum momento, para algumas pessoas, mas agora não mais. Mudança de planos! Se as vivências em ANE provocaram algo em mim é isso que preciso com os outros, sensibilizar para transformar! A partir daqui, inicio a difícil tarefa de começar de dentro para fora. Preciso sensibilizar minha equipe primeiro a quererem a mudança, cada um a seu tempo, não há pressa: haverá desafios pelo caminho, resistência, apenas devo resistir e persistir. As vivências me mostraram que as ações são coletivas mas a mudança é individual e sem transformar o ser humano não mudo o profissional que perpetuará as sementes.

A partir desta perspectiva sigo com as vivências em ANE, como alternativa de formação. Deixei de lado o projeto inicial, uma vez que não correspondia meus anseios e muito menos aos da Comunidade escolar.

Seguem-se os encontros, as caminhadas e as INTERes...

4. VIVÊNCIAS ANE: O DESPERTAR

4.1 PALHOÇA, PINHEIRA, GUARDA DO EMBAÚ SC

Nas vivências em Palhoça SC, conheci o Festival Solidário e assisti com meus próprios olhos do que a Autonomia, a Responsabilidade e a Solidariedade coletivas são capazes. Um evento promovido para inauguração da praça que foi reestruturada onde toda comunidade contribuiu para organizar, confesso que por momentos acreditei que era ensaiado, ver crianças participando umas com as outros sem conflitos e todas as demais atividades propostas com protagonismo da comunidade.

Figura 2: Festival Solidário organizado pela Comunidade participante



Fonte: arquivo ANE (2018).

Conhecemos a sede da PRÓ-CREP⁷ projeto de reciclagem com a Professora Hélia que junto a Comunidade escolar, a partir de uma situação problema em angariar

⁷ Associação PRÓ-CREP (Criar, Reciclar, Educar e Preservar), entidade civil, dotada de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede na Rua João Fedoca, s/n, Praia da Pinheira, Palhoça/SC, CEP 88.130-970, , com a finalidade específica e exclusiva para o

fundos para ampliação da escola, valorizou a capacidade de cada um através de persistência, esperança e amor ao próximo, promovendo e fortalecendo após muitos anos de luta uma alternativa de renda para a população. Um projeto que além de se tornar uma alternativa de renda ensina a criar, reciclar, educar e preservar, além de inspirar ao consumo consciente “reduzindo, respeitando e repensando”.

Figura 3: Frente da Sede da Pró-Crep



Fonte: arquivo Pessoal (2018).

Na Pró-Crep uma das falas mais emocionantes foi a do Senhor “Moisés”, que relatou toda sua vida em tempos difíceis e muito emocionado ao agradecer a Professora Hélia ao dizer obrigado por ela nunca ter desistido dele, mesmo diante de muitas tentativas frustradas, percebi a importância da contribuição da educação em encontrar caminhos para estreitar os laços com a Comunidade e ter real sentido para ela.

Centro de Triagem de Resíduos Sólidos, situado na Pinheira, visando manter a coleta de materiais recicláveis e de óleo de cozinha saturado, produção de biodiesel e sabão, realizando trabalhos comunitários.

Figura 4: Sede da Pró-Crep – Barracão de reciclagem



Fonte: arquivo ANE (2018).

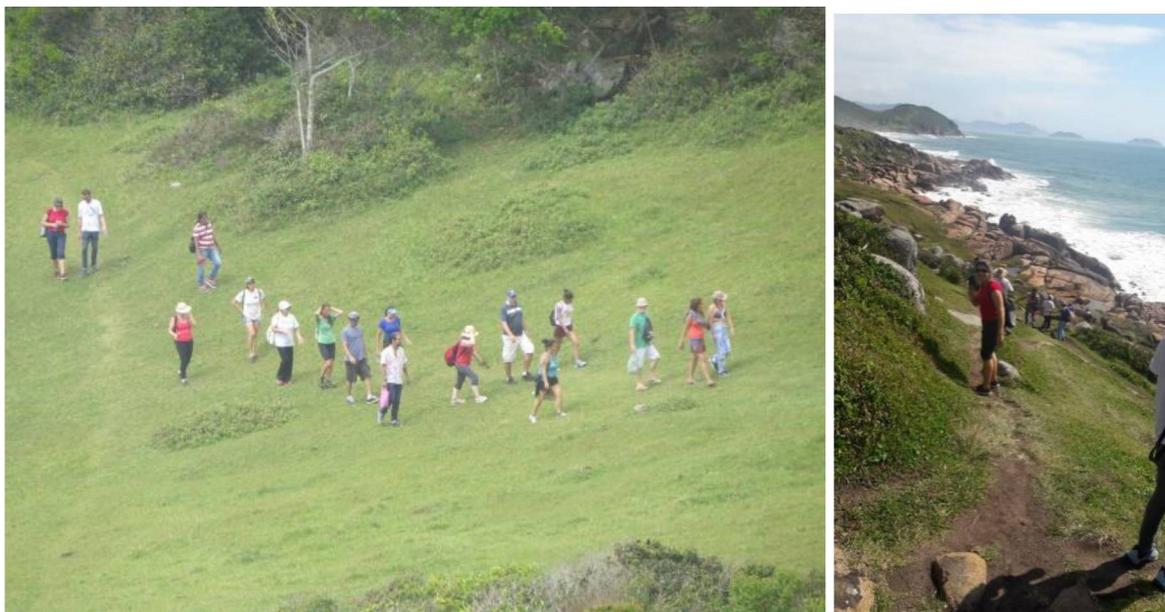
Outro ser humano marcante o qual tive o privilégio em conhecer foi o Senhor Vilmar Godinho, conhecido como Guardião do Vale da Utopia pelo trabalho de preservação que realiza na mata, um lugar paradisíaco entre a Guarda do Embaú e a Praia da Pinheira, em Palhoça. Habitante em uma caverna formada por rochas vivendo em total harmonia com o ambiente, retirando dele o alimento e em retribuição protege a natureza. Embora fale pouco e bem baixinho, a primeira frase que pronuncia descarta todas as impressões e nos diz tudo: “O ser humano foi longe demais!”

Figura 5: Caverna no Vale da Utopia localizada dentro da reserva ambiental do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro em Palhoça SC onde habita o Jornalista Vilmar Godinho



Fonte: arquivo ANE (2018).

Figura 6: Caminhada pelo Vale da Utopia localizado dentro da reserva ambiental do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro em Palhoça SC



Fonte: arquivo ANE (2018).

Figura 7: Centro de visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro em Palhoça SC



Fonte: arquivo ANE (2018).

4.2 Heliópolis – O bairro educador São Paulo SP

Dezembro de 2018 vivenciei uma das experiências mais marcantes da minha vida, é isto que a ANE faz, nos dá “choques de emoções”. Conheci o bairro educador de Heliópolis que há muitos anos luta incansavelmente para que a Comunidade seja referência da escola e hoje colhe as sementes desta conquista. Um lugar que emancipa as pessoas e onde a bandeira da educação não tem partido, pois vai além das políticas partidárias. Participamos do 25º encontro da UNAS Educar para transformar “Amanhã há de ser outro dia” que reuniu lideranças comunitárias em sua maioria feminina, para reafirmarem o compromisso pela luta em favor de uma educação humanitária e emancipatória tendo a comunidade como referência. O encontro trouxe através de falas e apresentações que dignidade não é aceitar o que é imposto, mas de direito e por isso a necessidade de ocupar os espaços de comunicação.

Figura 8: 25º Encontro UNAS dentro do Centro Educacional Professora Arlete Persoli



Fonte: arquivo Pessoal (2018).

Neste sentido como devo me posicionar nestes espaços? Preciso conhecer para combater, ter credibilidade, propriedade e domínio do que será enfrentado e muita inteligência para “entrar” sem “fechar portas”. Nesses cenários onde posso me posicionar com propriedade e realmente poder contribuir para a mudança? A formação política tem aqui papel essencial para se munir de todo o conhecimento necessário para abrir o debate público, atributo que nem sempre nossos professores possuem. É preciso muito cuidado com a fala da “desconstrução” que muitas vezes ao invés de ganhar, pode perder diante da maneira como será anunciado. Ou seja, de maneira “colaborativa”. Contudo diante de todo esse movimento humano necessário para o enfrentamento do que o mundo vem passando, como posso conduzir um processo educacional em tempos de ruptura? Ao final do encontro ficamos hospedados no CEU Heliópolis Professora Arlete Persoli, onde no dia seguinte, participamos da ANE Paulista.

Figura 9: Acomodações para descansarmos dentro do Centro Educacional Arlete Persoli



Fonte: arquivo Luci Fragoso (2018).

Abrindo a fala, um ser humano que transborda vida, esperança, coragem e o com o qual é impossível não se emocionar: Senhor João Miranda, um homem simples, da comunidade que junto com ela construiu o sonho do centro de educação dentro da favela, que ressignificou a história dos moradores através do entrelaçamento das relações. Nos ensinou que antes de tudo “tem que ter sensibilidade e saber sensibilizar. Cotas acabarão quando o respeito for recíproco!”.

Na sequência conhecemos o idealizador de tudo: professor Bráz, que contou os caminhos percorridos a partir do momento em que percebeu que era preciso agir para transformar. Em sua fala, o que mais me marcou foi que “a escola deve se contaminar com tudo que é da comunidade, sendo ruim ou bom! Ela deve ser o centro de referência, de liderança da educação e da comunidade”.

Figura 10: Encerramento da roda de conversa com o Senhor João Miranda, professor Bráz e demais idealizadores do bairro educador



Fonte: arquivo ANE (2018).

Caminhando pelos vários espaços existentes no CEU⁸, é impossível não notar a alegria das pessoas que trabalham ali. Espaços extremamente organizados, limpos e para nossa surpresa, todos utilizados pela comunidade de segunda a segunda apenas com agendamento. Uma lição de vida! Perguntei por curiosidade para uma das educadoras que trabalham ali sobre salário, visto que não é custeado pelo poder público. Ela respondeu: “nosso salário não é muito, comparando com as demais instituições públicas e privadas, mas o que eu aprendo aqui, não tem preço!”. Antes de retornarmos para o Litoral, caminhamos com o Professor Braz pelo bairro educador até o churrasco organizado, pela comunidade. Churrasco, linguiça, bebidas e música,

⁸CEU – Centro Educacional Unificado Professora Arlete Persoli no Bairro Heliópolis São Paulo SP

cada um foi chegando com alguma coisa e em minutos a festa estava feita! Final de semana inesquecível!

Figura 11: Caminhada com o Professor Bráz dentro da Comunidade de Heliópolis



Fonte: arquivo ANE (2018).

Figura 12: Caminhada com o Professor Bráz dentro da Comunidade de Heliópolis



Fonte: arquivo ANE (2018).

Figura 13: Churrasco organizado pela Comunidade



Fonte: arquivo ANE (2018).

Figura 14: Churrasco organizado pela Comunidade – Valdo Cavallet e João Miranda



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Figura 15: Despedida do churrasco organizado pela Comunidade



Fonte: arquivo Luci Fragoso (2018).

4.3 CONANE NACIONAL BRASÍLIA DF

Feriado de Junho de 2019, um encontro de idealizadores de sonhos que se encontram para compartilhar os caminhos que percorrem e o resultado destes na luta por uma educação que os represente. Uma reunião de pessoas que ousam e acreditam que é possível reinventar uma nova educação promotora de vivências significativas, de transformação social e popular e comprometida com os princípios de uma pedagogia libertária. “Um sonho que se espalha sendo construído por muitas mãos e mentes”. Neste território de diálogos, experienciei oficinas, rodas de conversa, lançamentos de livros, apresentações culturais, painéis com grandes educadores e personalidades marcantes como a indígena Célia Xakriabá que luta por uma educação da autonomia do pensamento, por um conhecimento válido, coerente e legítimo e pelo direito a colonização territorial (Xakriabá, 2019, IV CONANE):

“Mais do que morrer por uma arma de fogo, é estar vivo sem poder dizer quem é!” (XAKRIABÁ, 2019, IV CONANE)

Figura 16: Educação como Território de Diálogos: Célia Xakriabá – Mediadora Maria Alexandra Militão Rodrigues (UNB)



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 17: Intervalo do almoço – Planalto central Brasília DF

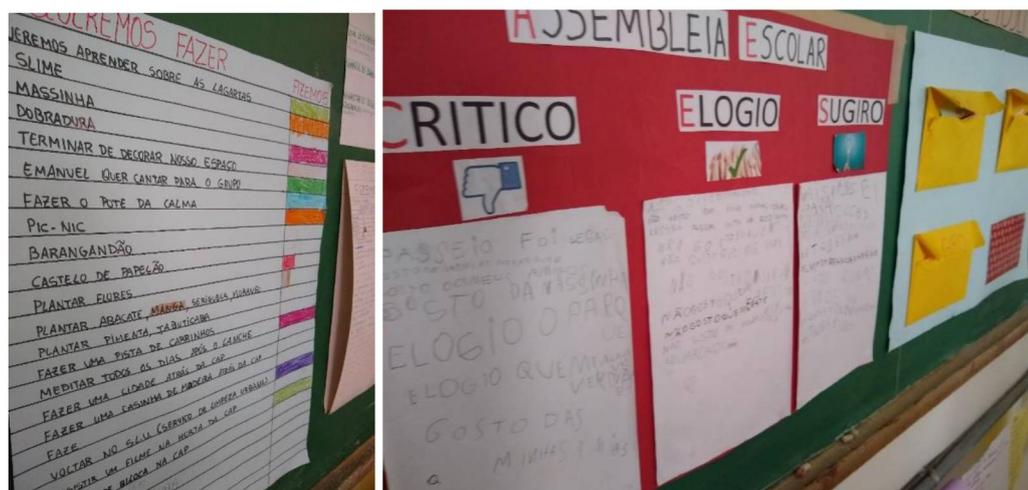


Fonte: arquivo pessoal (2019).

Conheci projetos comunitários dentre eles destaco:

-“Espaço Mitã”, uma escola multisseriada sem fins lucrativos que prioriza o livre brincar com autogestão das famílias que o idealizaram;

Figuras 18: Apresentação Espaço Mitã



Fonte: arquivo pessoal (2019).

–“CIEJA Ser Transformador,” uma escola aberta para jovens infratores com liberdade assistida, trabalham com mediações de processos através de frases e mesas coletivas;

Figura 19: Apresentação Projeto CIEJA Ser Transformador



Fonte: arquivo pessoal (2019).

- “Projeto Rima”, para jovens da periferia com defasagens série/ano altas, trabalham com empoderamento dos espaços públicos através de mapeamento de território.

Na educação infantil foi encantador a exibição do filme: “Miradas” do Território do Brincar Instituto Alana e a apresentação das propostas e atividades realizadas com as crianças que participaram da 1ª CONANINHA.

Figura 20: CONANIÑHA – Apresentação dos processos com as infâncias



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Destaco também o diálogo com os educadores: Celso Vasconcellos e Teresinha Rios com o tema “A alegria de educar” que dialogaram a educação como construção da humanidade e de como construir esse ser humano na medida que queremos.

Figura 21: Diálogo com educadores Celso Vasconcellos e Teresinha Rios: Momento de Re-existência na Educação Brasileira – A alegria de educar Mediador: Valdo Cavallet



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Todos os colaboradores CONANEanos compartilham propostas contra-hegemônicas, seguindo princípios para uma educação justa, ética, autônoma, plural e inclusiva. Livres das amarras conservadoras possuem liberdade para pensar, viver e aprender. Uma educação como transformação social e popular, comprometida com os princípios de uma pedagogia libertária.

Figura 22: Oficina Brinquedos do Chão: O mito de Nanã – Luís Felipe Gebrim Alves



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 23: Roda Viva – Educação e Direitos na Educação Infantil 0-6 anos Mediadora: Fátima Vidal (UNB)



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 24: Contribuição coletiva para a Propostas de Políticas de Ensino Médio – Ashoka e FEA USP



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 25: Caminho dos Projetos



Fonte: arquivo pessoal (2019).

4.4 ILHA DA COOTINGA – ESCOLA INDÍGENA PINDOTY, Paranaguá/Pr

E finalmente consigo convencer duas professoras da minha equipe a irem comigo a vivência da Escola Pindoty conhecer o projeto das colegas Franciane e Taciane. Foi uma sexta-feira de aprendizagens e escutas, ajudamos a pintar os jogos de chão e os demais dividiram-se entre a horta, roda de conversa com as mulheres do Projeto Mel, limpeza dos espaços e outras ações de pintura e brincadeira. Assistimos a apresentação indígena, almoçamos, conhecemos o artesanato e ouvimos a fala do Cacique Dionísio: “Você pode aprender com o outro sem querer sem ele!”.

Figura 26: Travessia de barco até a escola indígena Pindoty Ilha da Cotinga



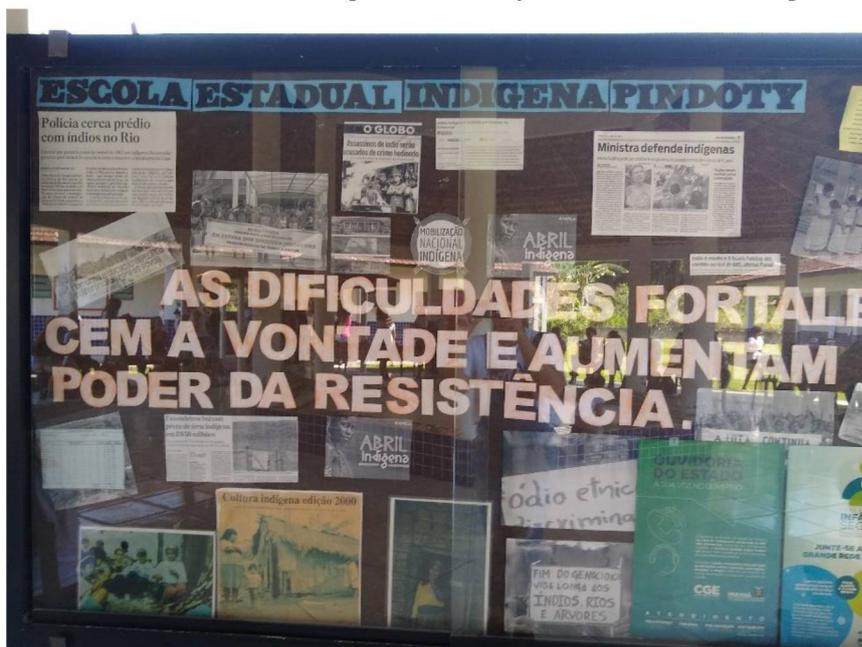
Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 27: Entrada da escola Indígena Pindoty na Ilha da Cotinga Paranaguá Pr



Fonte: arquivo ANE (2019).

Figura 28: Mural de entrada da Indígena Pindoty na Ilha da Cotinga Paranaguá Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 29: Pintura coletiva dos desenhos para brincadeiras de chão



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 30: Alunos indígenas da escola acompanhando a construção coletiva das pinturas com a Professora Vanessa de Rezende (Programa Saberes) e acadêmica da UFPr Litoral Bruna



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 31: Alunos indígenas da escola acompanhando a construção coletiva das pinturas com a Professora Patrícia de Souza (Programa Saberes) e sua filha Helena



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 32: Alunos indígenas da escola conversando durante o intervalo pós almoço no espaço onde a sala de aula é ao ar livre com a Professora Vanessa de Rezende (Programa Saberes)



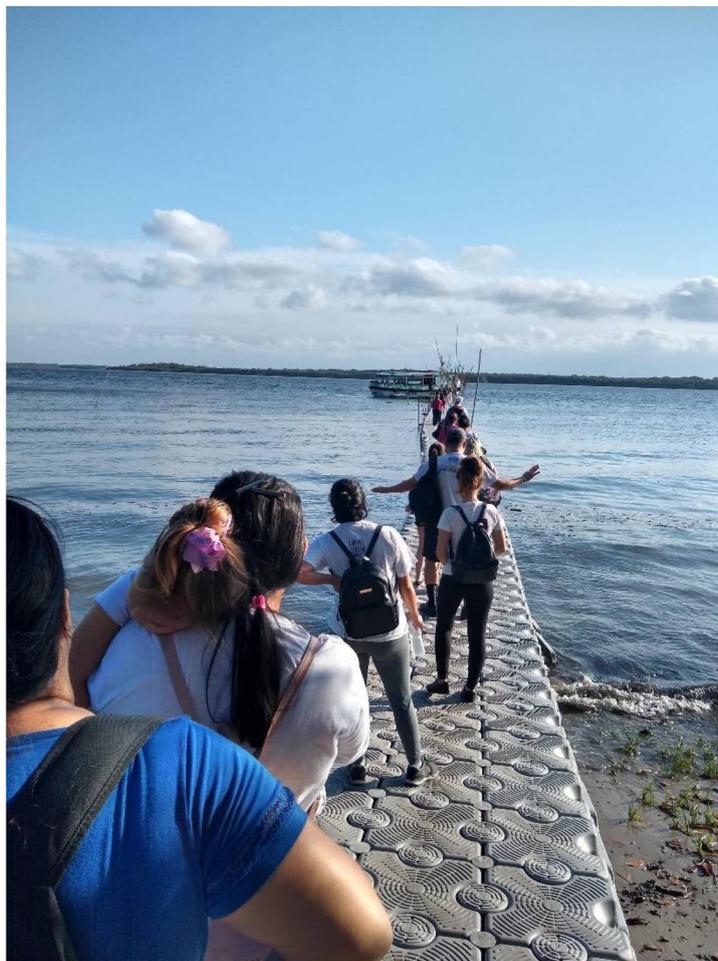
Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 33: Apresentação musical indígena com os alunos



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 34: Retorno para o barco à cidade de Paranaguá Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

4.5 OFICINA DO MATO AO PRATO – RECANTO RODA VIVA

Dia de oficina sobre Pancs (Plantas alternativas não convencionais) realizada pela colega Mariama. Me acompanharam nesta vivência mais duas professoras da minha equipe Saberes. Foi um domingo chuvoso, onde colhemos as plantas identificadas como comestíveis e em seguida nos dividimos para realizar as receitas propostas, foi trabalhoso mas ficaram deliciosas e divinas. Fiquei surpresa com a quantidade de alimentos saborosos que é possível fazer com plantas que considerava apenas “mato”.

Figura 35: Explicação pela Mariama condutora da Oficina sobre as plantas PA⁹NCs



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 36: Colheita das plantas que seriam preparadas para as receitas propostas



Fonte: arquivo pessoal (2019).

⁹ Plantas Alimentícias Não Convencionais são plantas com potencial alimentício e desenvolvimento espontâneo, porém não são consumidas em larga escala ou são utilizadas apenas em determinada região. Um exemplo é a Vitória-régia, que é uma planta que contém um fruto alimentício, mas poucas pessoas sabem disso

Figura 37: preparo das plantas colhidas para realização das receitas sugeridas



Fonte: arquivo pessoal (2019).

4.6 INTERCÂMBIO ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR MOISÉS LUPION (Guaratuba) e PROGRAMA SABERES (Matinhos)

Para apresentação “Pequenas alegrias” que junto com a colega Lígia de Guaratuba havíamos pensado como integração dos nossos alunos, planejamos um dia de convivência entre as duas instituições, não somente visando um entrelaçamento dos alunos que iriam ensaiar e participar da música mas também como mais uma oportunidade de troca de saberes entre os profissionais participantes, contribuindo com a sua formação. Vencidas as questões iniciais de autorização e transporte consegui levar um grupo de vinte e cinco alunos e cinco professores e a querida Marry como intérprete. Uma tarde de muito aprendizado pra todos. O horário do lanche foi o ponto alto para os nossos alunos, pois nosso Município após as orientações da Resolução 26/2013 da Alimentação Escolar, proíbi o lanche livre e em Guaratuba as escolas e alunos têm autonomia para decidirem.

Figura 38: Recepção da Professora surda Lígia aos nossos alunos e professores na sala multifuncional da Escola Moisés Lupion



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 39: Alunos do Programa Saberes participando da atividade em libras desenvolvida pela professora Lígia e seus



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 40: Roda de conversa após o lanche entre a professora Lígia, seus alunos da sala multifuncional e nossa equipe



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 41: Roda de conversa após o lanche entre a professora Lígia, seus alunos da sala multifuncional e nossa equipe



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 42: Despedida e agradecimento dos alunos do Programa Saberes a Professora Lígia



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 43: Despedida e agradecimento entre as equipes Saberes e Escola Moises Lupion



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Na semana seguinte foi a vez dos alunos de Guaratuba nos visitarem no Programa Saberes. Meus professores estavam apreensivos e nervosos na insegurança de atendê-los e que tipo de atividades poderiam proporcionar as crianças

surdas, pois ainda é muito forte a crença de que alunos “surdos” não fazem as mesmas coisas que os demais e que sua limitação é apenas com a comunicação. Foi uma agitação entre nossos alunos pois não temos e nunca tivemos no Programa alunos ou professores surdos.

Figura 44: Professora Lígia e seus alunos surdos da Escola Moisés Lupion do Município de Guaratuba Pr participando da oficina de karatê no Programa Saberes Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 45: Professora Lígia e seus alunos surdos da Escola Moisés Lupion do Município de Guaratuba Pr participando da oficina de Capoeira no Programa Saberes em Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 46: Intérprete de libras Marrie (UFPr) e os alunos da Escola Moisés Lupion do Município de Guaratuba Pr participando da oficina de Xadrez no Programa Saberes em Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 47: Alunos da Escola Moisés Lupion do Município de Guaratuba Pr participando da oficina de Musicalização no Programa Saberes em Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

4.7 IV CONANE CAIÇARA MATINHOS Pr

As vésperas do grande desafio, aquele que compartilha harmoniosamente as sementes de que é possível sim, com o que temos a nossa volta, proporcionarmos uma educação que respeite todos os seres humanos. Após tudo que vivenciei na Especialização ANE, não tenho dúvida de que tudo começa pelo amor, inclusive o

sonho, e que sem amor nenhum sonho é possível pois só por amor você é capaz de ter resistência, resiliência e persistência! A partir daí surge a idéia de uma apresentação que integrasse representantes de alguma forma de educação no Município de Matinhos. Através de uma canção que “tocasse” os corações mostrando que não precisamos somente de materiais caros e alta tecnologia ou ainda de salários altos para mudarmos a educação e conseqüentemente o mundo. Tudo isso é também importante mas sem aprendermos uns com os outros, com respeito mútuo nesta troca, nada fará sentido, não terá significado e sem significado não há mudança muito menos transformação, apenas repetição da “velhacaria” já existente. Faço então os convites por telefone e início os ensaios da música cuja tradução é “Um mundo bem melhor”. Confesso que fiquei de início chateada com a negativa da maioria dos convidados, mas depois entendi que é assim mesmo, por isso a persistência, lembro-me neste momento da professora Hélia que não desistiu do Moisés depois de muitos anos tentando, um dia a semente germina! Fechamos a apresentação com nossas “chaves de ouro” nossas crianças, por e para quem é preciso pensar neste “mundo melhor!”

A participação dos meus professores e demais integrantes da equipe do Programa Saberes a CONANE, foi fundamental para minha conclusão sobre a questão alternativa em vivências para formação destes profissionais. Foi apenas a primeira em que eles e os alunos puderam participar, porém completa, em relação a todas as demais propostas de formações “fragmentadas” que geralmente recebemos, voltadas ao atendimento de um tema específico. Na CONANE, ao contrário, alunos e equipe foram integrantes da conferência, participaram da decoração na confecção dos origamis do guará, fizeram rodas de capoeira com os convidados, assistiram a apresentações culturais além de apresentarem as suas. Participaram das rodas de conversas e dialogaram com grandes educadores como Tião Rocha, Teresinha Rios, Celso Vasconcellos com temas diversos e fundamentais para formação destes.

Figura 48: Preparação da decoração dos guarás em origamis, ave símbolo da CONANE Caiçara 2019, alunos e professores do Programa Saberes com as mulheres da Comunidade Vila Nova Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 49: Oficina de guarás em origamis na entrada da CONANE Caiçara 2019, alunos e Coordenadora do Projeto karatê do Programa Saberes Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 50: Abertura do 2º dia de CONANE Caiçara com o Projeto Capoeira na escola e os alunos do Programa Saberes Matinhos Pr



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 51: Educador Celso Vasconcellos finalizando seu diálogo na CONANE Caiçara e os educadores da Rede Municipal de Matinhos Pr presentes na CONANE



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 52: Apresentação musical em libras “Pequenas Alegrias”, alunos e professores da Oficina de Musicalização – Programa Saberes



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 53: Apresentação dos trabalhos em libras da Professora e Lígia



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 54: Chegada dos alunos e educadores da escola Municipal Quatro de Março para a apresentação de integração: “Um mundo bem melhor”



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 55: Apresentação musical: “Um mundo bem melhor” integrando educadores dos Cmeis, escolas, projetos do Município de matinhos e educadores da ANE



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 56: Final da apresentação musical: “Um mundo bem melhor” integrando educadores dos Cmeis, escolas, projetos do Município de matinhos e educadores da ANE



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 57: Finalização da apresentação musical: “Um mundo bem melhor” com entrada dos alunos da Escola Municipal Quatro de Março Matinhos Pr integrando educadores dos Cmeis, escolas, projetos do Município de Matinhos e educadores da ANE



Fonte: arquivo pessoal (2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Pacheco, o grande educador português, sonhou com uma escola que abandonasse o modelo tradicional e transformou seu sonho em realidade. Nos mostrou que a transformação não se espera, se faz! E que podemos ser arquitetos do nosso próprio destino, contribuindo para que as condições de mudança e transformações se efetivem. Na escola da Ponte não há salas de aula e não há aulas. O projeto da Escola rompeu com o modelo tradicional que não respeita as individualidades e não favorece o sucesso de todos, e a partir daí, transformou toda a estrutura educacional.

Considerando o motivo pelo qual cheguei aqui, penso que as formações continuadas, cursos motivacionais ou de capacitações, são necessários na constituição do profissional, mas destes, devemos abstrair somente o que merece ser levado adiante, por isso precisamos de “espaços vazios”. Temos o livre-arbítrio de escolher ver o mundo pelo lado bom ou ruim, basta retirar daquilo que observamos somente o que for bom e termos olhares diferentes a cada experiência compartilhada, pois “cada um de nós lê com os olhos que tem, traduz –se a partir de onde os pés pisam. E todo ponto de vista é apenas a vista de um ponto...”. (SILVA, 2018).

Nesta perspectiva, continuarei com as vivências como alternativa integrante a minha formação e dos profissionais que trabalham comigo. Compreendo que cada um tem seu tempo, seu momento, é necessário respeitar, porém, não posso desistir. Basta começar com um simples “furinho”. É preciso mobilizar ações que sensibilizem, despertem e quebrem os obstáculos conservadores que nos impedem de ver o mundo com “o olho bom!”.

A Interculturalidade, Interdisciplinariedade, Interterritorialidade, Intergeracionalidade, Interestitucionalidade e a Interexperencialidade, me provocaram a perceber que inovações, formações teóricas, são importantes para integrar os alicerces que me constituem. Entretanto destes, retiro apenas princípios e valores que venham a me conferir credibilidade e portanto irão me constituindo enquanto ser humano. Porém, as “experiências de aprendermos uns com os outros, nos transforma e nos modifica!”.

Acredito que este é o grande legado que a Especialização em ANE me proporcionou: Ressignificar a vida! Me conectar com as pessoas e com o mundo sem fragmentos. E neste sentido, enquanto educadora e gestora, quais são hoje os conteúdos que realmente preciso aprender e desfrutar desta única e incrível experiência chamada: Vida?

Figura 58: Final da apresentação musical: “Um mundo bem melhor” com alunos da Escola Municipal Quatro de Março Matinhos Pr integrando educadores dos Cmeis, escolas, projetos do Município de Matinhos e educadores da ANE



Fonte: arquivo pessoal (2019).

“Eu e você

Podemos muito

Somos aqueles que podem trazer, o amor ao mundo.

Não precisa ir longe...

Procure ao seu redor

Assim a gente faz um mundo bem melhor!”

REFERÊNCIAS

- ALBERTON, Josililian. **Forma-Desforma-Transforma**. 2018. Matinhos: UFPr Setor Litoral, 2018.
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 14 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Educação e Mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter de. **Pedagogia da Solidariedade**. 3 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- JORDAN, Beatriz Elena Escobar. **Educando para o futuro: valores, saberes e sentidos**. 2018. **TCC**. Matinhos: UFPr Setor Litoral, 2018.
- MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise?** Rio de Janeiro: Bertrhand Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.
- PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- WWW.DICIONARIODENOMESPROPRIOS.COM.BR/SIMONE/
- www.ummundobemmelhor.com.br/VersaoBrasileira.aspx